



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE-PB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

EVERALDO DA COSTA AGRA NETO

**A MEMÓRIA VISUAL E DOS DIVERSOS USOS DO ESPAÇO DE
FESTAS DO CLUBE CAMPESTRE DE CAMPINA GRANDE**

CAMPINA GRANDE – PB
2011

EVERALDO DA COSTA AGRA NETO

**A MEMÓRIA VISUAL E DOS DIVERSOS USOS DO ESPAÇO DE
FESTAS DO CLUBE CAMPESTRE DE CAMPINA GRANDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação **Licenciatura Plena em
História** da Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do grau de
Licenciado em História

Orientador (a): Prof. Ms Matusalém Alves Oliveira

CAMPINA GRANDE – PB
2011

A277m Agra Neto, Everaldo da Costa.
A memória visual e os diversos usos dos espaços do
Clube Campestre de Campina Grande [manuscrito]: /
Everaldo da Costa Agra Neto. – 2011.

20 f.: il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Me Matusalém Alves Oliveira,
Departamento de História”.

1. Memória 2. Fotografia 3. Iconografia 4. Festas I.
Título.

21. ed. CDD 770

EVERALDO DA COSTA AGRA NETO

A MEMÓRIA VISUAL E DOS DIVERSOS USOS DO ESPAÇO DE FESTAS DO CLUBE CAMPESTRE DE CAMPINA GRANDE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação **Licenciatura Plena em
História** da Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do grau de
Licenciado em História.

Aprovada em 29/11/2011.


Prof. Ms. Matusalém Alves Oliveira / UEPB
Orientador


Prof. Ms. Maria José Silva Oliveira / UEPB
Examinadora


Prof. Ms. Wellington Wanderley Gonçalves de Lima / UEPB
Examinador

A MEMÓRIA VISUAL E DOS DIVERSOS USOS DO ESPAÇO DE FESTAS DO CLUBE CAMPESTRE DE CAMPINA GRANDE-PB.

AGRA NETO, Everaldo da Costa¹

RESUMO

O presente artigo visa fazer uma discussão acerca de alguns conceitos relacionados ao saber histórico, mais especificamente sobre a memória e sua relação com o elemento de pesquisa documental a fotografia. Tal artigo visa construir uma análise que permita recuperar de forma significativa algumas imagens do espaço de festas do CLUBE CAMPESTRE DE CAMPINA GRANDE - PB, pensando nos elementos culturais inerentes ao lugar, bem como os diversos usos do que comumente se chama na cidade do “salão de festas do campestre”. Procuraremos utilizar a metodologia que contempla basicamente a iconografia que dará visibilidade ao que nos propormos, sem aprofundar grandes recortes teóricos, mas com um recorte que nos permita mostrar e analisar o espaço de festas no campo da memória visual, local que conseguiu e consegue ser significativo e ter significado para a sociedade campinense.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, Fotografia, Iconografia, Festas.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa fazer uma discussão acerca de alguns conceitos relacionados ao saber histórico, mais especificamente sobre a memória e sua relação com um elemento de pesquisa documental que é a fotografia. Dessa forma buscamos analisar no presente texto o espaço do Clube Campestre na cidade de Campina Grande.

O artigo visa construir uma análise que permita recuperar de forma significativa algumas imagens daquele espaço, pensando assim tanto os elementos culturais inerentes ao lugar, bem como os diversos usos do que comumente se chama na cidade do “salão de festas do campestre”.

O tema de estudo foi escolhido levando em consideração a subjetividade do pesquisador que convive no seu cotidiano com o objeto desse estudo, destacando que a invenção do cotidiano é feita com sujeito de uma sociedade. Portanto somos sujeitos da pesquisa, enquanto historiador e sócio do CLUBE CAMPESTRE desde 1990, o interesse se justifica a partir dessa vivência, na perspectiva de analisarmos as imagens desse espaço de

¹ Estudante Concluinte do Curso de Licenciatura Plena em História pela UEPB. E-mail: agraneto@hotmail.com

cultura e de lazer da cidade de CAMPINA GRANDE de vivência pessoal, revelando assim a opção deste objeto que foi fruto de nossa investigação.

Nesse sentido partimos inicialmente para uma historiografia tentando discutir o conceito de memória, em diversos autores mostrando a importância de seu embasamento num estudo que como esse, principalmente por se tratar de uma pesquisa que visa contemplar a memória de uma história local.

Por outro lado procuramos utilizar uma metodologia que seja um fio condutor na fonte documental fotográfica, ao mesmo tempo em que nos forneceu sustentação para relacioná-la com o conceito de memória, na perspectiva de atingirmos nosso objetivo: a memória visual do salão de festas do CLUBE CAMPESTRE. Ao utilizarmos as várias fotografias daquele espaço (enquanto documento) contemplamos uma série de eventos os quais analisamos, desde o seu sentido simbólico posto nas imagens como também os diversos usos daquele espaço, sejam eles, político, sócio - econômico e cultural. Os eventos plasmados nas fotografias documentam parte do processo de mudanças históricas que ocorreram na cidade de CAMPINA GRANDE ao longo do tempo.

Em seguida analisamos, de que forma foi concebida a fundação do Clube Campestre, e quais os atores que participaram dessa concepção, e quais os eventos que são representados no acervo fotográfico do referido clube; eventos que permitem a representação das mudanças, no campo da sociabilidade campinense, através da memória visual.

2. DISCUTINDO OS CONCEITOS DE MEMÓRIA

Gostaríamos inicialmente de lembrar ao leitor que nosso objetivo não é o mesmo de outros pesquisadores que pensam a memória como algo passível de ser resgatado, mas sim como algo que é a cada instante é ressignificada e repensado ao longo dos tempos. A memória, portanto, não deve ser vista como fonte absoluta e muito menos como possibilidade final de se reconstruí-la, mas sim como elemento cultural que tem permanências e mudanças.

Concordamos com o pensamos de Meneses (1992), que afirma:

(...) nem a memória pode ser confundida com seus vetores e referências objetivas, nem há como considerar que sua substância é redutível a um pacote de recordações, já previsto e acabado. Ao inverso, ela é um processo permanente de construção e reconstrução (...). (MENESES, 1992, p. 10).

A idéia aqui exposta trata-se exatamente de encarar a memória como algo capaz de ser construído, e nesse caso especificamente, estamos de certa forma neste artigo procurando construir ou reconstruir, os elementos de uma memória contida em forma visual, mas que teve significado no passado que não necessariamente pode ter o mesmo significado no presente.

Meneses (1992) que nos afirma também que: “A elaboração da memória se dá no presente para responder as solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo tanto quanto as condições para se efetivar”.

A memória como elaboração do presente é uma abordagem que entendemos necessária para nossas reflexões, afinal a muito que entendemos a História, enquanto ciência, que esteve sempre atrelada a noção de “passado” como algo absoluto e irredutível, mas quem reconstrói a história são exatamente os pesquisadores, que além de imprimirem suas aspirações subjetivas, permitem-se optar por elementos que entendem como necessários e importantes para que se possa firmar uma história reconstituída variavelmente com mudanças e permanências.

Explicitamos que esse nosso posicionamento, decorre do fato de que, a memória visual – fotográfica não responde por si só o passado, pois a história é construída pelo historiador do presente na sua subjetividade dentro de sua visão de mundo.

Portanto nos embasamos no conceito de memória de MENESES: “A memória é filha do presente. Mas, como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto”. (MENESES, 1992, p. 14).

Esta constatação é significativa, pois mesmo sabendo que a memória é contemplada no presente, precisamos buscar os mais diversos elementos que nos mostrem o passado do objeto estudado, pois é a partir dele que buscamos promover o entendimento do nosso presente e pensar no futuro como possibilidade de projeto. A memória, ganha uma conotação de alternativa para buscarmos o entendimento da própria sociedade, mas esse entendimento só deve ser visto como um dos possíveis e não como o real.

A memória na nossa pesquisa é vista como uma relação constante do presente, com o passado procurando entender as mudanças culturais políticas e sociais que ocorreram na sociedade e nos seus grupos sociais. Outro autor que utilizamos para estudarmos a memória é Bosi (1993), quando afirma que: “A Memória, é sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”. (BOSI, 1993, p. 281).

Não há memória deslocada da cultura, ambas se relacionam, porém não se confundem, pois a memória é uma fonte de informações que pode ou não legitimar a existência de elementos simbólicos que estão intimamente relacionados à idéia de cultura.

As relações sociais pensadas ao longo da história possuem significados diversos, que podem ser analisados no presente junto ao passado.

Para compreendermos melhor essa discussão, pensemos junto a Lotman (1995), que nos diz:

Cultura é memória longa de uma comunidade (...) e não um simples depósito de informações: é um mecanismo organizado de modo extremamente complexo que conserva as informações, elaborando continuamente os procedimentos mais vantajosos e compatíveis. Recebe as coisas, codifica e decodifica mensagens, traduzidas num sistema de signos (...). Somente aquilo que foi traduzido num sistema de signos pode vir a ser patrimônio da memória. (LOTMAN apud FERREIRA, 1995, p. 116).

A cultura é entendida não como um mero depósito de informações advindas de uma memória qualquer, mas como um campo complexo de significados, signos, que ao serem decodificados e sistematizados possuem um sentido mais amplo capaz de contemplar uma representação da realidade que por sua vez se transformaria em patrimônio da memória.

É preciso destacar que no artigo não se pretende dar conta de toda a memória do Clube Campestre, mas o nosso recorte é especificamente a memória visual do salão de festas. Buscamos pesquisar elementos da memória fotográfica de modo a conceber uma representação de sentidos e significados constantes em eventos que de alguma forma são vistos e vividos por uma coletividade, ao longo dos anos. Ademais analisaremos os diversos usos e funções para aquele local, procurando destacar as semelhanças e diferenças no decorrer do tempo, permitindo reconstrução não de um patrimônio da memória, mas uma "centelha" de um passado do local que foi e deve ser estudado e analisado enquanto memória visual, a importância de estudarmos a memória aliada a um documento iconográfico é significativo para história do clube.

3. FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: OS USOS DA IMAGEM COMO FONTE HISTÓRICA

Na discussão sobre memória, se faz necessário reafirmar que o objetivo desse artigo é entender a fotografia enquanto fonte documental capaz de ser aprendida e analisada, visando a construção de uma representação do passado com significados simbólicos um importante

elemento na construção da representação do passado no presente com seus significados simbólicos, permitindo a construção de um sentido de uma memória visual. Nesse contexto concordamos com Custódio (1999), que entende que: “não há conhecimento, reconhecimento ou memória sem imagem”. (CUSTÓDIO, 1999, Pg. 130). Nessa mesma seara explica o historiador Kossoy (1998): “fotografia é memória e com ela se confunde”. (KOSSOY, 1998, p.42). A imagem segue em nosso trabalho como principal fonte histórica, que acompanhada de uma análise e sistematização se torna possível chegarmos a explicações acerca de determinado objeto de estudo.

Optamos pelo estudo da fotografia, pois segundo Frehse (2005), esta:

(...) constitui, além de relevante instrumento de pesquisa, documento e veículo de representações privilegiado para a compreensão da vida social. Como imagem que é, vale para a fotografia o que vale para a imagem de maneira geral: ela fornece indicações sobre a realidade que retrata (...). (FREHSE, 2005, p. 185)

Destacamos nessa citação a tese de imagem levantada pelo autor enquanto fornecedora de indicações sobre a realidade que retrata premissa que analisamos no nosso artigo, mas ressaltamos mais uma vez que não estamos pesquisando dar conta de todas as teses sobre o conceito de memória, mas ver a memória como uma pista ou um indicativo para a construção da representação do passado pelo historiador do presente.

Como citado anteriormente, nossa atuação nessa pesquisa como um sujeito observador e criador da pesquisa, que possui grande vivência no recorte espacial estudado, que procura dar significados retratados nas imagens e analisados nesse artigo. Seguimos, portanto as orientações de MENESES que afirma

“Nessa passagem do visível, para o visual, foi necessário reconhecer (...) o documento visual como registro ou parte do observável, na sociedade observada’(...) (MENESES,2003.p.17)

Esclarecemos, que a nossa preocupação foi tratar os documentos visuais como um elemento que nos foi revelado durante a pesquisa de documentos escritos (revistas, jornais, documentos pessoais e livros) e documentos virtuais (disponíveis na internet), as fotografias que utilizamos no artigo foram produzidas no passado durante os eventos.

Entendemos que as imagens lidas de forma sistemática foram fundamentais para a análise do nosso objeto de estudo uma vez que nos alertou Meneses (2003): “É normal e

legítimo que projetos de investigação histórica surjam da descoberta ou reavaliação de fundos documentais ou coleções tipologicamente bem definidas e possam deles partir”. (MENESES, 2003, p. 28).

Concordamos com a afirmação do autor que em qualquer pesquisa devemos partir de fundos documentais, nesse sentido partimos do acervo documental fotográfico do Clube Campestre para o estudo, tendo em vista que ainda não havia nenhuma pesquisa sobre o citado clube.

. Por isso damos à palavra a Muller (2006) que corrobora com nosso desejo quando afirma que: “A fotografia pode ser usada como fonte histórica se for vista tomarmos como um fragmento de realidade, um aspecto do passado, cuja decisão de registro e de fixação de um certo dado foi uma opção do autor”. (MÜLLER, 2006, p. 02).

Esclarecemos que não faremos as memórias dos fotógrafos que trabalharam durante os eventos ocorridos no salão de festas e também não estamos interessados nos autores originais das fotografias aqui expostas, a opção aqui presente de uso dessas imagens será uma opção do autor que vos fala nesse momento. Tal ressalva faz-se necessário uma vez que é preciso deixar claro que a escolha de tais fotografias se dará de forma aleatória, com certa intencionalidade subjetiva, porém sem perder o foco do objetivo da pesquisa, que tem como intuito básico explorar temas inerentes aos usos e funções do espaço de festas do Clube Campestre.

Segundo Meneses (2003):

(...) É preferível, portanto, considerar a fotografia (e as imagens em geral) como parte viva de nossa realidade social. Vivemos a imagem em nosso cotidiano, em várias dimensões, usos e funções. O emprego de imagens como fonte de informações é apenas um dentre tantos (inclusive simultaneamente a outros) e não altera a natureza (sic) da coisa, mas se realiza efetivamente em situações culturais específicas, entre várias outras. A mesma imagem, portanto, pode reciclar-se, assumir vários papéis, ressemantizar-se e produzir efeitos diversos. (MENESES, 2003, p. 29).

Diante do exposto, não pretendemos aqui esgotar a pesquisa e análise do objeto de estudo, mas contribuir para novos estudos sobre a história da cidade de CAMPINA GRANDE, principalmente por se tratar de memória visual que pode ser encarada como o autor ressalta “parte viva de nossa realidade social”.

4. ICONOGRAFIA: CONCEITO E PROPOSTA DE TRABALHO

Como proposta, nosso trabalho tem por objetivo reunir uma série de imagens fotográficas do salão de festas do Clube Campestre, de modo a explorar uma memória dos usos e funções daquele espaço, a fim de recuperar um tempo vivido reconhecendo e tentando identificar as principais mudanças ocorridas naquele espaço, fazendo uma recuperação que vai desde a fundação, passando por recortes temporais dos mais diversos e chegando ao que se vê hoje.

Para tal empreitada, lançamos mão de um arcabouço metodológico destinado ao estudo da pesquisa documental, tentando de certa forma estabelecer relações do presente com o passado a partir do estudo de fontes fotográficas do espaço que pretendemos analisar.

Diante disso gostaríamos de esclarecer que nossa pretensão é trabalhar com aquilo que a História chama de “Iconografia”, que Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural sobre artes visuais (Atualizado em 27/06/2005), a definição de Iconografia é:

Vocábulo usado para designar o significado simbólico de imagens ou formas representadas em obras de arte. Também nomeia uma disciplina da História da Arte, dedicada a identificar, descrever, classificar e interpretar a temática das artes figurativas. Até fins do século XVI, a Iconografia referia-se especialmente ao significado simbólico de imagens inseridas num contexto religioso. Atualmente o termo refere-se ao estudo da história e da significação de qualquer grupo temático.

Evidentemente que a iconografia não pode ser aqui pensada como sendo usada em sua função anterior, mas sim em sua utilidade atual, pensada como a possibilidade de buscar o significado de imagens organizadas de forma temática e dedicada a entender a relação da imagem com esses sentidos diversos da realidade enquanto representação simbólica.

A presente citação acima apenas é colocada para que se perceba que procuramos reiterar que o objeto de estudo, bem como uma metodologia científica é possível para aquilo que estamos propondo aqui. Pois a iconografia, ha muito tempo fez parte da História, principalmente nos estudos de História da Arte e atualmente tem se mostrado bastante eficaz em diversos trabalhos não só na História, mas também em outras ciências que pretendem analisar imagens e fotografias como um elemento que possui significados diversos.

Para reforçar ainda mais o conceito do que vem a ser Iconografia, gostaríamos de apresentar o significado dessa palavra para o dicionário português PRIBERAM (2007):

A escrita da imagem, o termo é de procedência grega: *elkon* (imagem) e *graphia* (escrita). Todo trabalho consagrado ao estudo e descrição explicativa das imagens de qualquer gênero (pintura, escultura, medalhas, etc.), pode ser uma coleção de retratos de homens célebres, representação de imagens de um livro, um conjunto de imagens relativas a um assunto, ou seja, é a arte de representar por imagens. (PRIBERAM, 2007).

A definição apresentada é interessante, pois ressalta que Iconografia está ligado tanto a imagem como a escrita, ou seja, nosso trabalho tem exatamente esse viés, pensar na imagem como passível de ser explicitada através da escrita, e só com a junção desses dois elementos é que poderemos atingir uma sistematização referente a busca pela recuperação histórica de uma memória visual do espaço de festas do Clube Campestre.

Para tanto utilizaremos algumas fotografias que rememorem o espaço estudado de modo a nos concentrarmos num esforço de pensar os diversos usos desse local, tratando basicamente das mudanças ocorridas tanto na imagem visual como no próprio significado simbólico representado socialmente e culturalmente.

Entretanto, vale ressaltar que devemos reconhecer: “a leitura da imagem não é única, pois diante da ambigüidade da imagem o observador vê-se forçado a escolher de entre várias a interpretação que julga mais correcta (sic)”. (SIMÕES, 2006).

Conforme o autor supracitado, é preciso admitir que nossa leitura é uma dentre várias possíveis, afinal não temos a pretensão de sermos sabedores de verdade única e absoluta, nosso objetivo é exatamente ter uma impressão livre e mais fidedigna possível da realidade aqui estudada, pois sabemos que as imagens não falam por si só, elas possuem diversos elementos que se apresentam de forma ambígua e, portanto, passíveis de diferentes interpretações, cujo nós enquanto observador e analista das imagens tentaremos imprimir neste trabalho.

Para que fique finalmente claro a nossa intenção de estudar essas imagens, gostaríamos aqui de ressaltar as palavras de Paiva (2006) que nos informa que:

Podemos entender o significado de iconografia enquanto: um registro histórico realizado por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas impressas ou imaginadas e, ainda esculpidas, modeladas, gravadas em material fotográfico e cinematográfico. (PAIVA, 2006, p. 18).

A fotografia, como dito anteriormente é a nossa principal fonte de registro histórico, no nosso trabalho tentaremos sistematiza-las de forma que possamos reconstruir elementos

da realidade, enquanto passível de interpretação e recuperação da memória visual, justamente por se tentar aliar a imagem de um espaço e a escrita que nós procuraremos imprimir a partir das fotografias apresentadas, que vão desde a fundação do clube campestre, passando pelas várias festas do passado mais longo e do passado mais próximo, até o cotidiano.

5. O CLUBE CAMPESTRE E A MEMÓRIA VISUAL DO SALÃO DE FESTAS

A partir de agora iremos iniciar a apresentação das fotografias que selecionamos em nossa pesquisa a fim de promover uma análise acerca do espaço do salão de festas do Clube Campestre. Vale ressaltar que as fotos não possuem um recorte histórico bem delimitado, pois nos utilizamos apenas da apresentação seguindo uma ordem cronológica partindo das mais antigas as mais recentes, se baseando em acontecimentos que julgamos ter sido importantes para pensarmos a fundação do clube, o lado simbólico da expressão dessas fotos pensando os diversos usos daquele espaço, desde o próprio interesse em pensá-lo como um espaço de festas, de confraternização, até mesmo de disputa política e como função econômica.

Na pesquisa, temos 12 fotos, das quais algumas foram adquiridas do arquivo fotográfico do Clube Campestre, como também obtivemos informações sobre as fotos que serão importantes para pensarmos alguns elementos envolvidos na apresentação das imagens mediante os diversos usos e interesses a respeito do salão de festas do Campestre.

Algumas fotos foram extraídas de sites da internet, do qual tivemos o devido cuidado também de citar as fontes, bem como pensar os textos que estão diretamente ligados as imagens, uma vez que a foto por si só não possui caráter revelador, mas a imagem com a informação nos permitiu pensar algumas questões que foram fundamentais para entender os usos do salão de festas do Clube.

Vejam a primeira imagem:



Foto 01 – Festa de lançamento da pedra fundamental do Clube Campestre.

Acervo fotográfico do Clube Campestre. 1959.

Ao observarmos essa fotografia verificamos a placa de fundação do clube, juntamente com uma série de pessoas que estavam ali presentes para participar da inauguração do referido clube. Segundo informações do setor administrativo do Clube Campestre, sua fundação aconteceu no ano de 1959, com o nome Clube Médico Campestre, cujo próprio nome já informa, foi criado por um grupo de médicos da cidade que sentiam falta de um lugar para se reunir e poder desfrutar de lazer. Daí o fato interessante de algumas pessoas estarem vestidas com ternos brancos, vestimenta que é marca registrada da profissão de médico.

O evento naquele ano contou com a presença de algumas autoridades políticas de grande peso naquela época, tais como o governador Pedro Gondim em pé nesta fotografia abaixo:

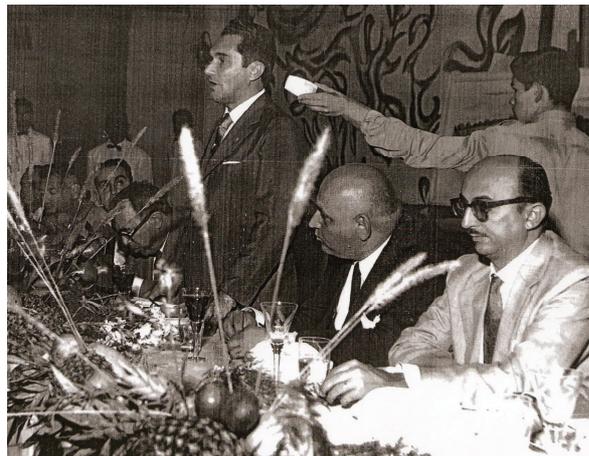


Foto 02 – Solenidade de Inauguração do Clube Campestre
Acervo fotográfico do Clube Campestre. 1959

Ao lado direito do governador da época está o prefeito da cidade de Campina Grande na época Severino Cabral, que prestigiou o evento que ocorreu exatamente no espaço do salão de festas do clube, que é nosso interesse de análise. É interessante perceber que esse espaço de festas foi exatamente o primeiro a ser construído ainda no mesmo ano, pois o clube nasce com intenção inicial de promover encontros entre a classe médica e a elite local, promovendo bailes, jantares e confraternizações da classe.

A próxima fotografia mostra a entrada do clube na época de sua inauguração:



Foto 03 – Construção da entrada do Salão de Festas
Acervo fotográfico do Clube Campestre. 1959

Como percebemos, o espaço de entrada do salão, ainda em fase de construção, está localizado num terreno bastante aberto e com aparência de lugar ainda pouco explorado. O Clube Campestre está localizado no bairro do Catolé em Campina Grande, do qual durante muito tempo foi considerado pela população em geral como um bairro nobre da cidade, a vinda do Clube Campestre ao longo dos anos valorizou e promoveu o bairro na cidade. Entretanto o clube sempre foi bem restrito a pessoas que possuíam apenas o título de sócio do clube, o que mais adiante passou a ser modificado.

Mas antes de explorar os usos, vejamos ainda uma fotografia relativa a construção do espaço que viria a se tornar o salão de festas do Clube Campestre:

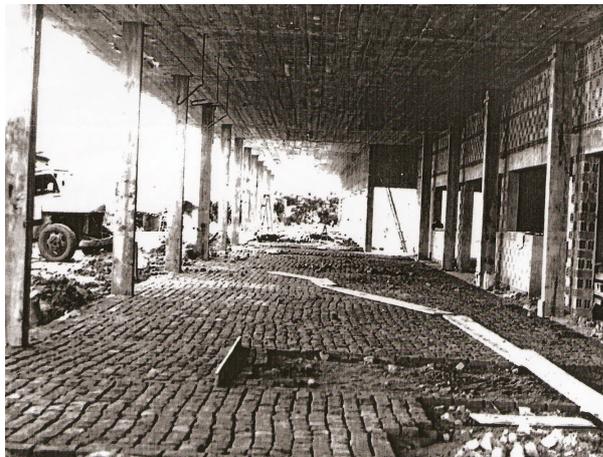


Foto 04 – Hall do salão de festas
Acervo fotográfico do Clube Campestre. 1959

Ainda em construção, revela que se tratava de esforço na época bastante ousado e com um forte viés empreendedor, já que os sócios fundadores tinham realmente a intenção de promover um espaço com tudo o que havia de melhor na época. É preciso lembrar que uma obra dessa finalidade teve um custo altíssimo, não revelado pela nossa fonte, mas podemos até pensar que em 1959 o país era extremamente pobre em termos de desigualdade social, ser médico nessa época era algo tido como ilustre e com uma remuneração bastante alta, o que sem dúvidas permitiu um empreendimento dessa finalidade.

Como observamos na próxima fotografia:



Foto 05 – Confraternização de inauguração do salão de festas.
Acervo fotográfico do Clube Campestre. 1959

Um amplo salão de festas, com várias mesas fartas, e com convidados muito bem vestidos, ressaltando a cor predominantemente branca dos ternos, que destacam a participação dos médicos fundadores do presente espaço, essa seria, segundo nosso informante, uma das diversas festas recorrentes a este grupo, fato este comprovado no momento em que durante as observações do acervo próprio do Clube Campestre, tivemos a oportunidade de ver diversas fotos muito parecidas com essa de eventos reunindo a classe médica e a elite econômica da cidade na época.

O espaço do Clube Campestre, mais especificamente o salão de festas até final da década de 70 é marcado pelo uso para confraternizações entre os sócios. A partir daí o clube passa a ser marcado por uma série de eventos, ainda restritos, mas com início de alguma abertura a outros convidados.

Vejamos esta próxima imagem:



Foto 06 – Baile no Clube Campestre
Retirada do site Retalhos Históricos de Campina Grande-PB. 1970

Esta é uma foto do grupo musical Ogírio Cavalcante em 1970, se apresentando aos sócios do clube na época. Segundo informações do site em que foi retirada essa fotografia: “Este seletto grupo de músicos foi responsável por embalar grandes bailes realizados no compartimento da Borborema, assim como em toda Região Nordeste, nas décadas de 60, 70 e 80”. Portanto, se trata de o início marcante de eventos com interesse de promover o nome do clube a partir dessa época, tentando promover diversas festas que se tornaram importantes naquele espaço, tais como bailes de formatura, bailes dançantes, shows, confraternizações, festas de são joão, reveillon e carnaval.

Mas o espaço de festas do Clube Campestre, nem sempre promoveu apenas festas ou espetáculos vinculados a música, o salão de festas também foi marcado por um evento político que culminou num dos maiores conflitos da história da política paraibana, que possui desdobramentos até hoje. Como se pode observar nas fotos abaixo:



Foto 07 - Um discurso de “aniversário” pivô do racha no PMDB paraibano em 1997.
Retirado do Site Expresso PB/Fotos Jornal da Paraíba

Na época o Senador Ronaldo Cunha Lima e o Governador José Targino Maranhão possuíam uma relação amistosa e faziam parte do mesmo partido o PMDB e eram aliados

políticos. A fotografia representa um fato que mostra Ronaldo Cunha Lima discursando de forma enfática e agressiva na frente de José Maranhão, e mais adiante o Senador da época é levado carregado pelos braços de seus correligionários.

Nesta foto a memória visual do Clube é marcada por um uso político de seu espaço, não promovido pelo clube, já que naquele momento o clube teria sido cedido a família Cunha Lima para promover o aniversário de Ronaldo, só que o salão acabou sendo palco literalmente de um conflito político marcado pela história e que até hoje desempenha a função de divisor de dois blocos políticos predominantes no poder local.

Mas o espaço do salão também pode ser pensado sem a ação humana, pois entendemos ser crucial interpretarmos a fotografia, não só mediante a interação das pessoas com o espaço, mas este também como uma paisagem solitária, tal como mostra a imagem abaixo:



Foto 08 – Salão de Festas do Clube Campestre ornamentado para o São João
Acervo fotográfico do Clube Campestre.

Partimos agora para pensar o salão de festas, utilizado para promover a principal modalidade de festas da nossa cidade ao longo da história, e que ainda possui até hoje grande procura e frequência da população, que são as festas juninas. Na presente foto podemos observar um salão bastante organizado com inúmeras decorações juninas e mesas vazias no turno do dia, prontas para a noite receber uma das maiores festas.

A foto, portanto apresenta caráter revelador de significados na medida em que passamos a apresentá-la também mostrando interação humana. Conforme foto abaixo:



Foto 09 – Festa de São João no Salão de festas do Clube Campestre.
Acervo fotográfico do Clube Campestre. 2002

O mesmo local, na mesma época, sendo apresentado agora com forte participação de pessoas interagindo em uma festa de São João, no campo visual podemos ver que as mesas não podem mais serem vistas e o ângulo da foto é diferente revelando ainda mais a decoração junina do ambiente. Neste momento falamos de 2002, momento em que o Clube já se apresenta com características diferentes em termos de exploração do espaço de festas. Como podemos perceber, o espaço começa a ser frequentado não só por sócios do clube, mas predominantemente por cidadãos da cidade e turistas de todos os lugares, que participam ativamente da festa. Um espaço que antes era restrito a um grupo bem delimitado de frequentadores, passa agora a abarcar inúmeras pessoas de diferentes classes sociais.



Foto 10 - SHOW NO CLUBE CAMPESTRE DE CAMPINA GRANDE-PB
Retirado do blog de Elinor Julião Júnior. 2009

Nesta foto acima, temos outra festa de São João no mesmo salão de festas do Clube Campestre e apesar de estarmos em 2009, 7 anos mais tarde que a foto anterior em 2002,

podemos perceber a ornamentação ainda intensa da temática junina e de banda com grandes características tradicionais, como o uso mais restrito da sanfona e da sabumba.

Já nesta próxima foto em 2010:



Foto 11 – Festa de São João no Salão de Festas do Clube Campestre
Acervo próprio do Clube Campestre. 2010.

Começamos a perceber uma mudança visual interessante nas características da festa, pois observamos menos instrumentos de decoração ligados a festejos juninos, sendo observado apenas alguns balões e a estrutura de palco muito diferente da foto anterior, mais marcada por uma estrutura de muitas luzes, uma banda de forró com vários instrumentos musicais e muitas pessoas dançando e se relacionando no ambiente.

As fotografias são imagens realmente capazes de nos revelar uma série de questões simbólicas que permite-nos pensar as relações humanas, especificamente aqui pensadas as culturais, pois se pararmos pra pensar, em 2002 na foto 09 e nesta foto 11, em pouco período de tempo até as vestimentas dos participantes das festas sofreram modificações interessantes, sem contar na ampliação de participantes, o que se caracteriza numa forte popularização, tanto da festa, quanto do espaço de festas do clube campestre.

Para tal contraste, gostaríamos de finalizar com as apresentações de fotografias do salão, trazendo uma foto bastante recente:



Foto 12 - FORRÓ DE VOLTA AS AULAS EM CAMPINA
Fotos feitas por Almir Martins em 10 de Agosto de 2011.

Nesta fotografia verificamos que o espaço ganha conotação ainda mais diferente das anteriores, pois apesar da proposta ser a mesma, no caso, o forró que é a música marcante nas festas de São João, não encontramos aqui nenhuma ornamentação temática, mas sim uma forte estrutura metálica, muito próxima com a que vemos em boates, e ampla participação de jovens da cidade, em sua maioria estudantes, já que a festa levava o nome de forró de volta as aulas.

O Clube Campestre passa também, assim como esse show a explorar seu espaço de festas se tornando fundamentalmente uma casa de shows e eventos, pois seus usos vão sofrendo modificações importantes ao longo do tempo, ocorrendo de formas diversas e não lineares, promovendo a imagem do clube, não mais como um local fechado a população, mas agora extremamente aberto e com forte ligação no campo dos eventos musicais. No entanto, o espaço ainda não perdeu seu viés de ser utilizado para fins de confraternização, sendo ainda palco de festas privadas tais como casamentos, bailes de formatura, aniversários e etc. Infelizmente não conseguimos apresentar fotografias com esses tipos de festas por se tratar de acervos particulares que não tivemos acesso. Acreditamos que seria mais interessante pensarmos numa discussão que percebesse os usos públicos do espaço e dando prioridade a apresentar fotos já bastante divulgadas em meios de comunicação e internet, até mesmo as do acervo próprio do Clube Campestre, que são utilizadas em instrumentos de divulgação do clube entre os sócios e seus dependentes.

Essas fotografias mais atuais refletem características interessantes, que permite-nos pensar as diversas transformações sociais do espaço, seja no uso, na forma como a população se apresenta e participa das festas promovidas no salão de festas do Clube Campestre.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As fotografias aqui apresentadas foram fundamentais para pensarmos como se constitui os diversos do espaço, bem como pela capacidade simbólica de promover a recuperação da memória visual do Clube Campestre.

Nosso objetivo neste trabalho foi tentar fazer uma recuperação da memória desse espaço de eventos e lazer, que existe a 52 anos na cidade de Campina Grande. Tentamos a todo custo não deixar transparecer um viés parcial ou de exaltação do referido objeto de estudo, uma vez que ao escolhermos tal destino de análise, também nos posicionamos enquanto sujeito da pesquisa, tendo em vista que participamos de algumas dessas festas e a bastante tempo somos freqüentadores do Clube em geral.

Além da preocupação que tivemos em recuperar a memória visual do salão de festas do Campestre, tentamos perceber que além dos diversos usos identificados, percebemos que a própria função do espaço de festas foi se modificando. Apesar de o clube Campestre possuir sócios que pagam mensalidade e adquirem um título, o clube ao longo do tempo, segundo nossa fonte no setor administrativo, informou que mesmo assim o clube apresenta dificuldades financeiras, tendo que recorrer com o tempo a alugar o espaço de festas do clube, mesmo para os sócios que possuem desconto no aluguel, mas não são isentos de pagar taxa para utilizar o salão.

O Campestre é um espaço privado, mas com forte viés atual de dar concessões públicas ou popularizadas, no sentido em que entra no circuito de eventos musicais da cidade sendo palco atualmente de shows com artistas nacionais. Lembrando que poucas são as festas promovidas diretamente pelo clube, que administrativamente acaba na maioria das vezes alugando o espaço para empresas ou pessoas que promovem eventos.

Ressaltamos que nosso propósito está intimamente ligado a nossa vontade enquanto futuro historiador de promover conhecimento em favor daquilo que acreditamos ser de fundamental importância, o respeito aos fatos históricos, a memória e as pessoas, pois as fotografias não conseguem falar por si só, tivemos que buscar informações adicionais, respeitando sempre a capacidade do diálogo com nosso informante, informações documentais em matérias nos sites, bem como de pensar as interações sociais desenvolvidas no espaço estudado.

Apesar de reconhecermos que o trabalho mereceria maior aprofundamento no campo da memória revelada pelas pessoas que participam desses eventos expostos nas fotografias. Ficamos na incumbência de mais adiante, provavelmente em outra oportunidade assumirmos

um compromisso de desenvolver ainda mais esse objeto de estudo. Até porque, nesse trabalho nos propomos a desenvolver uma idéia inicial de construir um possível objeto de estudo, dando à devida importância a relevância pública e social que o Clube Campestre apresenta na cidade, bem como construir uma recuperação no campo da memória visual de eventos e espaços que marcaram não só a história do clube, mas a história cultural, política e social da cidade de Campina Grande.

Esperamos que o trabalho tenha propiciado a aquisição real e possível de uma reflexão sobre a interação entre a imagem e a memória, reconstruindo elementos da história fazendo paralelos entre o presente e o passado, e principalmente lançando perspectivas que permitam no futuro aprofundar temáticas que estejam vinculadas a pensar as imagens, enquanto importante fonte documental capaz de ilustrar a realidade sem perder de vista as interações sociais e culturais importantes na construção do saber histórico.

ABSTRACT

The present work aims to make a discussion of some concepts related to historical knowledge, more specifically about memory and its relationship with a research component that is documentary photography. This article aims to build an analysis that will recover significantly some pictures of that place, thinking that much cultural elements inherent in the place, and the various uses of what is commonly called the city of "ballroom of the country." We will try here to use a methodology that considers the iconography of an essentially random, without worrying about the theoretical major cuts, but with a clipping committed to think of some random events that allow you to show that a single space in the field of visual memory, able and can be reframed to date at all times.

KEYWORDS: Memory, Photography, Iconography, Holidays.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléa. **A pesquisa em memória social**. Psicologia USP, São Paulo, 4 (1/2), p. 277-284, 1993.
- CUSTÓDIO, José de Arimathéia Cordeiro- **E Narciso e Mnemósine Geraram a Fotografia...** In: MAGAHÃES, Fernanda; SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira. O Discurso Fotográfico, Londrina (PR): EdUEL, p. 141-160, 1999.

- FERREIRA, Jerusa Pires. Cultura é Memória. Revista da USP. São Paulo, n.24, p. 295-304, dez./jan./fev. 1994-1995.
- FREHSE, Fraya. Antropologia do Encontro e Desencontro: Fotógrafos e Fotografados nas Ruas de São Paulo 1880/1910. In: MARTINS, José de Souza, ECKERT, Cornélia, NOVAES, Sylvia Caiuby. **O imaginário e o Poético nas Ciências Sociais**. Bauru: EdUSC, p. 185-224, 2005.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. **A HISTÓRIA, CATIVA DA MEMÓRIA? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais**. Rev. Inst. Est. Bras., SP, 34:9-24, 1992.
- _____ . **Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11-36 - 2003.
- MÜLLER, Tânia M. P. . **A fotografia como instrumento e objeto de pesquisa: imagens do Estado e da imprensa do cotidiano de crianças e adolescentes do Serviço de Assistência ao Menor (SAM)**. In: 29º Reunião Anual da Anped, 2006, Caxambu. Educação, Cultura e Conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos. Caxambu : Anped, 2006. v. 01.
- PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006, 120 p.
- SIMÕES, Tatiana. **Iconografia**. Lisboa-POR: FBAUL, 2006.
- Imagens. **Priberam**: dicionário da língua portuguesa. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados>. Acesso em: 13 dez. 2007.

- Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=10>. Acesso em 08/11/2011.
- Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2010/08/memoria-fotografica-o-grupo-ogirio.html>>. Acesso em 08/11/2011.
- Disponível em: <<http://expressopb.com/2011/09/do-arquivo-um-discurso-de-aniversario-pivor-do-racha-no-pmdb-paraibano-em-1997/>>. Acesso em 08/11/2011.
- Disponível em: <http://elinojuliaojunior.blogspot.com/2009/06/show-no-clube-campestre-de-campina_1587.html>. Acesso em 08/11/2011.
- Disponível em: <http://www.jornaldaparaiba.com.br/selectaclub/post/5221-Forr%C3%B3_de_Volta_%C4%81s_Aulas_em_Campina>. Acesso em 08/11/2011.